

# VIOLÊNCIA(S) ORGANIZACIONAIS E REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIAS: APROXIMAÇÕES INICIAIS SOBRE AS PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL NO BRASIL

## ORGANIZATIONAL VIOLENCE(S) AND REPRESENTATIONS OF VIOLENCE: INITIAL APPROACHES TO RESEARCH DEVELOPED IN THE FIELD OF ORGANIZATIONAL COMMUNICATION IN BRAZIL

7

Rafael de Jesus Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Nosso objetivo com a produção deste artigo é o de conhecer as concepções de violência organizacional e representações de violência oriundas do trabalho de pesquisadores selecionados a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A partir da perspectiva de Booth et al (2012), encontramos como resultados: (1) A utilização do termo representações da violência em diversos títulos com foco majoritariamente na análise de conteúdo (Bardin, 2011) e (Bahktin, 2006) e (2) inexistência do termo violência organizacional como título de teses e dissertações vindos dos programas de pós-graduação em comunicação no país.

**Palavras-Chave:** Comunicação Organizacional; Pós-Graduação em Comunicação; Violência Organizacional; Representações de Violência.

### ABSTRACT

Our objective in producing this article is to understand the conceptions of organizational violence and representations of violence arising from the work of researchers selected from the Capes Catalog of Theses and Dissertations. From the perspective of Booth et al (2012), we found the following results: (1) The use of the term representations of violence in several titles focusing mainly on content analysis (Bardin, 2011) and (Bahktin, 2006) and (2) the lack of the term organizational violence as the title of theses and dissertations coming from postgraduate communication programs in the country.

**Keywords:** Organizational Communication; Postgraduate Degree in Communication; Organizational Violence; Representations of Violence.

**Data de submissão:** 09.10.2023

**Data de aprovação:** 26.10.2023

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru). Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7876265487610256>. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3863-9091>. E-mail: [rafael\\_gomes\\_20@hotmail.com](mailto:rafael_gomes_20@hotmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Como falar em violência (s) no contexto organizacional? Em tempos cada vez mais difusos que envolvem conhecer e se reconhecer no antropoceno em que humanos, sistemas de I.A, algoritmos e mídias digitais se convergem (Santaella, 2010), falar em violência (s) é falar em cotidiano. Entretanto, a própria banalização do termo tem potencial devastador, sobretudo nas organizações.

O ambiente organizacional é, conforme Baldissera (2009), um emaranhado de dimensões (ou metadimensões) com determinados propósitos. Sejam eles, o funcionamento de uma empresa, o bem-estar familiar, a vitória de um jogo. Se a vida é um constante espaço em que diversas organizações se fazem presente em nossa rotina (Kunsch, 2003), o mesmo também pode ser dito sobre as violências no ambiente organizacional.

Por violência, não é de nossa intenção acabar com a temática, tarefa esta que não se esgotaria nem mesmo em uma tese. Mas é, sim, de nosso intento, buscar encontrar o que significa falar de violência no contexto das produções acadêmicas na área da comunicação no Brasil, quando buscamos falar em ambientes organizacionais.

Martino e Marques (2022) explicam que na cultura contemporânea, a busca pelo respeito e conhecimento do outro esbarra na concepção mercadológica do ser e, em um cenário de hipervisibilidade, da hipercomunicação se dimensiona o papel do trabalho em diversas variáveis, sobretudo nas organizações, o que faz com que os ambientes institucionais ultrapassem as paredes das organizações e transbordem para múltiplos ambientes.

Nesse sentido, cabe a nós nessa proposta de artigo, trazer abordagens sobre violência(s) organizacional(is) e suas representações. E, em especial, como os temas violência organizacional e representações da violência são tratados por trabalhos acadêmicos com base no catálogo de teses e dissertações da CAPES, sobretudo no interstício entre 2003 até 2023.

Acreditamos que esse período, coincide com a permanência da internet e das relações de consumo, das trocas simbólicas e culturais em um cenário de convergência (Jenkins, 2008; Kellner, 2001), além de todas as reconfigurações percebidas nesse contexto. Dessa forma, buscamos trazer um painel inicial sobre como esses temas são trabalhados pelas pesquisas acadêmicas nesses contextos.

## 2 VIOLÊNCIA(S) ORGANIZACIONAL(IS)

9

Maus-tratos, assédios, comportamento indevido. Os termos utilizados para definir ou normalizar condutas em diversos ambientes organizacionais carregam a marca de também amplificar e, porque não, relativizar violências nesses contextos. Não raro falar de assédio moral/ assédio sexual é presente como prática costumeira em diversas instituições tanto no Brasil quanto fora.

Contumaz também, nos parece necessário falar em diversas violências ou tipologias de violências (Galtung, 1969; Han, 2019) Em diversos trabalhos, definir ou qualificar semanticamente a palavra violência é um trabalho muito árduo, que não se termina apenas ao identificar como o ato ocorre, mas, também como o comportamento (ou uma série deles), sejam estes simbólica ou materialmente produzem afetações no ambiente de trabalho.

Mendonça *et al.* (2018) apresentam a problemática desse tema e o desafio que se apresenta. Por exemplo, quando buscamos entender como a violência organizacional através do assédio moral ocorre no ambiente de trabalho, primeiro se faz mister conhecer que ela é o produto materialmente percebível e mensurável desse processo. Antes, ocorrem uma série circular de interações (Braga, 2012) promovendo microviolências. Estas, segundo os autores, primeiramente ocorrem a partir da incivilidade, falta de respeito, e se tornam escalar, abrindo caminho para outras formas de violência, a saberem direta (assédio propriamente dito), simbólica (Bourdieu, 2010) além das estruturais e culturais nesse contexto.

Cabe também explicar que, no Brasil, pesquisas empíricas que tomem de partida a incivildade e como ela progressivamente levam às questões que envolvem o assédio em ambientes trabalhistas ainda são escassas, tema este que de acordo com os autores já são celebradas internacionalmente há pelo menos 15 anos (Mendonça *et al.*, 2018). O desafio, aqui ao que parece, não é só o de identificar o que leva a violência organizacional a se tornar presente nos ambientes corporativos, mas conhecer o processo que culmina com essas práticas.

Para tanto, vamos a observação feita por Cabral, Gonçalves e Salhani (2018) quanto ao que seja violência organizacional. Os autores assim a definem como:

[...] o conjunto de violência direta, estrutural e cultural (Galtung, 1969, 1996, 2003), que encontra nas organizações mecanismos para sua legitimação, especialmente mediante sua cultura organizacional, modelo de gestão, filosofia organizacional, legislações específicas que impactam a vida das organizações, bem como as estruturas físicas e ambientais que afetam a saúde do trabalhador. (Cabral; Gonçalves; Salhani, 2018, p. 03)

Ou seja, a cultura organizacional, que molda a cultura profissional, para os autores, não passa ilesa. Ela interfere tão sobremaneira nas práticas organizacionais das instituições e isso têm poder de interferir não só na forma como os profissionais veem e são vistos pela organização, mas como as práticas comportamentais tem potencial de silenciamento nesses ambientes.

Mas aqui é preciso ir além dos limites das organizacionais. Braga (2012) explica que os sistemas de códigos e dispositivos que a sociedade escolhe para a construção de interações antecedem o uso de qualquer meio tecnológico. As relações humanas ocorrem em um contexto mediatizante mesmo antes de serem operacionalizadas pelos meios de comunicação e, como tal, suas violências também assim são reverberadas.

Em um contexto organizacional contemporâneo, o conceito de violência organizacional também precisa de uma reconfiguração. Fuchs (2014) explica que uma sociedade calcada em produzir relações a partir das tecnologias contemporâneas encontra-se atualmente em constante luta. Siegler (2019) esclarece que uma sociedade disruptiva

como a nossa está em constante transformação e nessa forma, as práticas de violência também, da mesma forma os recursos utilizados para a sua produção.

Terranova (2000) relembra que no início da era da internet, questões que envolviam o trabalho (ou, até mesmo o trabalho não remunerado) no cenário da economia criativa e da economia digital pareciam reconfigurar as formas de trabalho conhecidas. Entretanto, 20 anos depois, percebe-se que os desejos de uma revolução no mercado de trabalho parecem ter arrefecido.

Isso mostra que as dinâmicas de trabalho que foram se circunscrevendo no contexto da internet não cumpriram, devidamente, a promessa de uma revolução no mercado de trabalho, pelo contrário. A autora mostra que a ideia de novos ambientes de trabalho, trabalho intermitente sem hora para parar como um sinônimo de modernidade e vanguarda escondia, claramente assédios que eram postos de lado, até mesmo para se estar inserido nesse contexto.

E, nesse sentido, o ambiente para a proliferação de violências em ambiente organizacional encontrou o campo ideal não só para se aparecer, mas também para se estabelecer. Cabral, Gonçalves e Salhani (2018, p.04) lembram que esse cenário é tão complexo que não raro, trabalhadores não se percebem nos cenários de violência graças as dinâmicas e estratégias comunicacionais encampadas pela organização, tanto como forma de legitimação dentro do escopo organizacional como também no campo simbólico ao se fazer pertencer ao ambiente da organizacional e o medo de se encontrar fora dele.

### 3 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL DA VIOLÊNCIA: DA PLATAFORMIZAÇÃO À EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

Kunsch (2003) já nos dizia que vivemos em um contexto organizacional do início ao fim da vida. Partilhamos da mesma concepção. Do momento ao que nascemos, nossas famílias, escolas, grupos sociais, trabalhos casamentos, enfim. Não é de se admirar que a sociedade é em sua representação máxima, uma organização corporificada. Valores morais e

éticos regem as condutas da mesma forma como os princípios que ditam a visão, missão e valores das instituições. Da mesma forma, concordamos com a visão de Baldissera (2009) ao também afirmar que vivemos em um contexto de metadimensões.

E, nesse cenário, os processos de geração de violências organizacionais podem ser executados de diversas maneiras. De acordo com Martins, Morais e Lima (2010). Entre as formas mais comuns de violência no ambiente de trabalho, destaca-se, sobretudo a gestão perversa. Quer dizer, a política de enxugamento de postos de trabalho, a consequente exploração por maior produtividade, a dominação, só para citar alguns exemplos.

E, em tempos de plataformização das relações (Saad, 2020) percebemos como essas instâncias são cada vez mais nocivas no âmbito da proliferação e disseminação de violências no contexto organizacional. Isso fica claro quando as empresas que dominam o *mainstream* midiático (*Amazon, Apple, Microsoft, Meta e Google*) transbordaram suas atividades para além dos espaços digitais.

Não raro, vemos um completo processo de reconfiguração das atividades profissionais nessas décadas do século XXI. Psicólogos que investem em “*stories*” em redes como o *Instagram* ou *Tik Tok*; Advogados prestando consultorias em *vlogs* via *Youtube*, Jornalistas produzindo podcasts em sistemas como *Deezer* e *Spotify*, entre outros são exemplos claros das transformações das atividades trabalhistas. É um cenário de inúmeras possibilidades de atuação profissionais, mas ao mesmo tempo mostra uma realidade que fora celebrada no início dos anos 2000 como a era do capital informacional (Corsani, 2003).

A reconfiguração do trabalho em detrimento aos avanços sociotécnicos não são uma novidade. Desde os tempos da revolução industrial, o profissional e as empresas buscaram evoluir seus sistemas de produção com melhoria de produtividade (Grisci; Rodrigues, 2007). Mas é preciso considerar que essas etapas não foram conquistadas de forma positiva.

As extenuantes jornadas de trabalho em que homens, mulheres e crianças eram submetidas em tempos do capitalismo industrial (Terranova, 2000) agora estão sendo substituídas por prêmios (sejam eles o de fazer parte das *big techs*, febre do início dos anos 2000); seja visibilidade orgânica ou financiada pelas *affordances* que as plataformas concedem aos seus usuários (Saad, 2020; Raposo; Terra, 2020; Valente, 2019).

Abidin (2016) mostra que o momento contemporâneo das relações profissionais é o do “trabalho da visibilidade”. Nesse sentido, a autora explica que o uso de tecnologias como *Instagram*, *Facebook* e outras plataformas passam a ser utilizadas como extensões das jornadas de trabalho e criam novos contextos profissionais passando a impressão de simples e corriqueiro.

[...] o trabalho de visibilidade está preocupado com o trabalho afetivo, fácil de ser percebido por usuários nas mídias digitais. A Mineração de seguidores também é uma forma de trabalho tácito – ‘uma prática coletiva de trabalho subestimada e subvisibilizada por parecer fácil e subconsciente’ (Abidin, 2016, p. 05).<sup>2</sup>

13

A autora mostra que o ambiente de trabalho que influenciadores digitais diuturnamente exploram como felicidades, glamour, sucesso passam a ser também perseguidos pelas organizações e isso reverbera uma nova forma de promoção da atividade laboral, ao mesmo tempo, também têm potencial para criar situações de constrangimento e assédio envolvendo trabalhadores. Em outras palavras, estamos falando de diversas representações de violência e constrangimentos em ambientes organizacionais.

#### 4 VIOLÊNCIA ORGANIZACIONAL NAS PESQUISAS ACADÊMICAS: UM PRIMEIRO OLHAR METODOLÓGICO

O tema violência, corriqueiro e explorado midiaticamente, aparece em diversas rodas de conversa e também em trabalhos acadêmicos. É um objeto conhecido dentro do campo das pesquisas em diversas ciências e na comunicação não seria diferente. Resolvemos então considerar a sua ocorrência com base no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (BDTD<sup>3</sup>) e entender como é apresentado o tema, sobretudo, no campo de pesquisas da comunicação.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa para: visibility labour is concerned with analogue affective labour ordinary users perform to be noticed by prolific elite users. The work of followers is also a form of tacit labour – ‘a collective practice of work that is understated and under-visibilized from being so thoroughly rehearsed that it appears as effortless and subconscious’ (ABDIN, 2016, p. 05).

<sup>3</sup> Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

A primeira ideia para a produção deste trabalho é entender como temas que envolvem a violência organizacional são trabalhadas, justamente, pelas teses e dissertações apresentadas dentro dos programas de pós-graduação em comunicação no Brasil. Assim, podemos ser capazes de entender, qual é a literatura mais recorrente utilizada pelos autores, matrizes teóricas e aspectos metodológicos em que esses trabalhos foram construídos.

Na barra de buscas, escrevemos “violência organizacional” a fim de identificar estes termos nos títulos dos trabalhos. Realizamos uma busca simples a fim de encontrar e recolher o máximo possível. Infelizmente, os metadados utilizados não foi capaz de encontrar, no campo da comunicação, trabalhos que utilizavam violência organizacional como título, ou palavras-chaves.

Partimos então para a segunda tentativa, desta vez utilizando como metadado o termo “violência”. Considerando então, a violência como título, encontramos um total de 414 trabalhos. Entendemos o desafio que se apresenta para este trabalho, dessa forma seguindo os passos de Booth *et al.* (2012) em que seria necessário a definição de um escopo e delimitação do que buscar nos trabalhos a fim de sistematizar uma revisão de literatura. Definiu-se a necessidade de se elaborar um código preliminar para identificar o tipo de assunto que buscamos elencar neste artigo.

Nesse sentido, entre as mais de 400 teses e dissertações da BDTD, buscamos analisar o título destes trabalhos. Nosso objetivo aqui é o de encontrar algo que pudesse fugir a temática que fracione a violência e suas ocorrências (sejam ela feminicídio, violência policial, violência na cobertura midiática). Entendemos que, para este trabalho faz mais sentido em falar sobre como as dinâmicas de violência ocorrem, por isso elaboramos como código para encontrar estes trabalhos o termo: “*Representação (ões) da (das) violência (as)*”.

Com isso, nossa base de dados, entre as teses e dissertações defendidas pelos programas de pós-graduação em Comunicação no país, acabou apontando para 08 trabalhos:

Tabela 1 - Teses e dissertações defendidas pelos programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil

As representações da violência e suas relações com a religião, o feio, o medo e o grotesco atração e repulsa nas telas de cinema	DISSERTAÇÃO	José Carlos Gomes da Silva	PPGCOM-UFPE-2012
Rainha Diaba e Madame Satã - representações da violência e marginalidade social no cinema brasileiro	DISSERTAÇÃO	Tatiana Signorelli Heise	PPGCOM-USP-2006
Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas	DISSERTAÇÃO	Isis Cleide da Cunha Fernandes	PPGCOM-UFRGS-2012
A representação da violência no imaginário do faroeste italiano	DISSERTAÇÃO	Alex Vidigal Rodrigues de Souza	PPGCOM-UNB-2014
Pra que rimar amor e dor? Análise das representações da violência de gênero na revista Marie Claire (2002-2011)	DISSERTAÇÃO	Danieli Aparecida Campos	PPGCOM-UNIP-2013
A representação da violência nas notícias populares: a construção de uma narrativa dramática	DISSERTAÇÃO	Isa Coelho Stacciarini	PPGCOM-UNB-2013
Em briga de marido e mulher... Representações da violência doméstica na telenovela O Outro Lado do Paraíso e valores da sociedade brasileira contemporânea	DISSERTAÇÃO	Danielli Silva Peixoto	PPGCOM-UFMG-2020
A Identidade das vítimas na representação da violência no telejornalismo: a cobertura do JN e do Profissão Repórter no território dos morros cariocas.	DISSERTAÇÃO	Luciano Teixeira de Paula	PPGCOM-UFJF-2013

Fonte: Dados da pesquisa

Encontramos, para a nossa surpresa, dissertações e nenhuma tese no BDTD catalogado até a produção deste trabalho, que utilize no título os metadados escolhidos. Isso não quer dizer que não haja tese que aborde essa temática.

Nos parece urgente alocarmos essa discussão no âmbito da pós-graduação em comunicação. Entender como as representações de violência e a violência organizacional são trabalhados pelos programas de pós-graduação em comunicação nos ajudaria, sobretudo a encontrar as matrizes teóricas utilizadas mais acionados pelos pesquisadores e também quais as concepções de violência no âmbito das organizações são interpretadas pelos pesquisadores nesse cenário.

## 5 REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA ORGANIZACIONAL: O QUE DIZEM OS AUTORES?

Desde o início deste trabalho, buscamos entender como temas que envolvem a (as) violência (as) são operacionalizadas no BDTD. A seguir, demos um panorama inicial sobre os trabalhos selecionados. Seguiremos a partir da perspectiva de Bardin (2011) com foco em entender as perspectivas sobre violência que os autores desenvolvem nos seus trabalhos

A dissertação: ***As representações da violência e suas relações com a religião, o feio, o medo e o grotesco atração e repulsa nas telas de cinema*** de autoria de José Carlos Gomes da Silva, foi defendida pelo PPGCOM da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no ano de 2012. O trabalho analisa de que forma as imagens de violência e os cortes imagéticos são feitos para referendar os sentidos e o sentimento de violência em obras cinematográficas.

O autor toma por base o livro, *O que é violência* de 1983 do filósofo Nilo Odália para explorar os conceitos de violência e suas acepções. Em suas abordagens, Silva (2012) explica que a violência é um produto irresolúvel da sociedade e que, como tal, suas representações mostram que o homem precisa se desenvolver em um ambiente hostil, demandando ações cíclicas de violência.

Além disso, Silva (2012) explica que a violência como conhecemos cotidianamente poderia ser enquadrada enquanto violência social (Odália, 1983). Isso significa dizer que, aspectos que envolvem os regimes democráticos e, de desigualdade social são os principais fatores geradores para outros atos de violência:

São os hábitos, os costumes e as leis que mascaram esse processo impondo a sensação de que essa é uma condição indispensável para que o homem possa viver em sociedade. Essa “naturalização” da violência no cotidiano das pessoas se apresenta, qualquer que seja sua intensidade, tanto nos bairros sofisticados quanto nas favelas (Silva, 2012, p. 18).

Dito isso, para Silva (2012) a concepção de violência em seu trabalho reside nos efeitos estruturais da sociedade. Embora não cite diretamente, sua semelhança com as visões residuais sobre violência é compatível com as visões de Galtung (1989) sobre violência estrutural como resultado das relações políticas, econômicas e culturais provenientes das sociedades modernas.

A dissertação: ***Rainha Diaba e Madame Satã - representações da violência e marginalidade social no cinema brasileiro*** é de autoria de Tatiana Signorelli Heise. Foi defendido pelo programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) em 2006. É o trabalho mais antigo selecionado por nosso percurso.

Semelhante o trabalho desenvolvido por Silva (2012), Heise (2006) também busca retratar as formas e representações que os conceitos de violência reverberam para as produções cinematográficas brasileiras. Infelizmente, o trabalho por estar fora do catálogo de teses não foi possível encontrar no repositório digital também da USP. Os produtores do trabalho também entraram em contato com a autora, atualmente professora em Oxford/Inglaterra, mas, relatou não haver em formato digital a sua dissertação.

O terceiro trabalho selecionado: ***Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas*** de autoria de Isis Cleide da Cunha Fernandes, foi defendida em 2012 pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O trabalho da autora busca entender as representações que a violência, em especial de gênero ocorre na cobertura sobre o tema em jornais no país Africano.

Para tanto, a autora recorre em seus estudos sobre violência, ao que propõe Bourdieu (2010) sobre poder e violência simbólica. De acordo com a autora, conceitos de dominação e política, social e cultural são inafastáveis nos contextos sociais e reverberam em todos os segmentos da sociedade e, no jornalismo isso se torna mais evidente.

Em sua pesquisa, Cunha (2012) realiza uma análise de discurso acerca de 154 matérias produzidas pelos Jornais A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas. Tendo o corpus de mais de 150 matérias a autora chega à conclusão de que a violência é compreendida pela mídia muito mais pela sua realização (violência direta) do que pelas relações que são oriundas dos contextos sociais. Ou seja, o produto da violência é noticiável, seus contextos, não.

A quarta dissertação: ***A representação da violência no imaginário do faroeste italiano***, de autoria de Alex Vidigal Rodrigues de Souza, foi defendida pelo PPGCOM da Universidade de Brasília (UNB) em 2014. Consiste em entender as evoluções fílmicas que representam a violência no gênero *western*. O trabalho é mais um que busca no audiovisual, discutir como a violência reproduzida nas telas representam simbolicamente o imaginário dos conceitos e das instâncias de violência.

Neste trabalho, Souza (2014) se debruça no tema buscando entender como as concepções de violência no cinema italiano tipificaram a representação do que seja o ato violento a partir dos filmes *western*. A violência aqui é representada como um elemento constante da narrativa fílmica criando um ideário de herói e bandido sobretudo, nos filmes de Sérgio Leoni. Para tanto, o autor realiza uma análise de diversos filmes *western* produzido por autores italianos justamente sobre como essas representações reconfiguraram a narrativa dos filmes.

A quinta dissertação intitulada: ***Pra que rimar amor e dor? Análise das representações da violência de gênero na revista Marie Claire (2002-2011)*** de autoria de Danieli Aparecida Campos foi defendida pelo PPGCOM da UNIP (Universidade Paulista) no ano de 2013. Consiste em uma análise das publicações da Revista Marie Claire durante dez anos sobre o enquadramento dado à temática de violência e suas representações no gênero feminino.

Segundo Campos (2013) as narrativas produzidas pela revista sobre violência mostram como as faces da representação nas matérias incorporam múltiplas percepções sobre violência de gênero. Para tanto, ela recorre em sua análise aos processos de interdiscursividade (Bakhtin, 2006) nas matérias, às concepções de poder e violência simbólica (Bourdieu, 2010) e também das representações, experiências e violações (Cyrulnik, 2005).

O trabalho de Campos se preocupa em situar a representação da violência no gênero feminino e, suas correlações (estupro, violência doméstica, assédio, entre outros), inclusive como esses elementos são percebíveis pelas relações trabalhistas envolvendo as mulheres nas matérias analisadas.

A sexta dissertação, ***A representação da violência nas notícias populares: a construção de uma narrativa dramática*** de autoria de Isa Coelho Stacciarini foi defendida pelo PPGCOM da Universidade de Brasília (UNB) no ano de 2013. Consiste em analisar de que forma a mídia impressa enquadra as representações e concepções de violência no Distrito Federal.

Stacciarini (2013) busca situar as ideias de violência a partir de um prisma mais filosófico. Suas abordagens teóricas remontam as ideias de violência como um fenômeno mais voltado para as concepções Aristotélicas e psicológicas, mostrando que como fenômeno social, a violência apresenta e representa a sociedade. Para a autora, o gosto pelo grotesco não é um retrato da mídia contemporânea, mas, sim caminha com a história da humanidade desde o início dos tempos (Sodré & Paiva, 2002). Para comprovar, a autora realiza uma análise de conteúdo sobre os conteúdos das matérias dos jornais AQUI DF e NA HORA H, e mostra que a cobertura midiática dos dois jornais reforça a sensação de medo e desesperança entre os seus leitores.

A sétima dissertação: ***Em briga de marido e mulher... Representações da violência doméstica na telenovela O Outro Lado do Paraíso e valores da sociedade brasileira contemporânea*** de autoria de Danielli Silva Peixoto foi defendida pelo PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 2020. Consiste em uma análise sobre as representações de violência a partir de um produto cultural, a telenovela.

Peixoto (2020) trabalha com as concepções de violência e suas representações no ambiente doméstico. Para isso utiliza para as suas discussões como as leis Maria da Penha (2006) e as tipificações da violência doméstica (física, psicológica, patrimonial e moral) são retroalimentadas de forma constante pela sociedade e, a telenovela O outro Lado do Paraíso resolveu descortinar essas relações. Como recursos metodológicos, a autora usou a pesquisa bibliográfica, a pesquisa empírica e a análise dos dados para compor o seu material.

A oitava dissertação intitulada: ***A Identidade das vítimas na representação da violência no telejornalismo: a cobertura do JN e do Profissão Repórter no território dos morros cariocas*** é de autoria de Luciano Teixeira de Paula, foi defendida pelo PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2013.

Paula (2013) busca analisar as abordagens assumidas pelo JN e pelo Profissão Repórter sobre violência e representa-las a partir de uma narrativa sobre as vivências da violência nos morros cariocas. Para isso, ele resolve fazer uma arqueologia da história do Rio de Janeiro, o surgimento dos morros nos bairros da cidade e como a população mais humilde foi “escanteada” para fora dos bolsões de desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, o trabalho do autor mostra que a cobertura midiática reforça a representação da violência ao mesmo tempo em que estigmatiza o cidadão morador da localidade como integrante desse cenário, como metodologia de trabalho, o autor também faz uso da análise de conteúdo (BENETTI, 2007) das edições dos dois programas telejornalísticos da Rede Globo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assédios, representações de violência, violência organizacional, estas e tantas outras palavras se tornaram corriqueiras, tanto midiaticamente quanto exploradas em diversos grupos de pesquisa no mundo e no Brasil. Entretanto, infelizmente ainda não encontramos uma forma de erradicar essas práticas do ambiente corporativo. Ainda que, foi possível estabelecer meios de identificação e definir estratégias de combate às suas manifestações.

No campo de estudos da comunicação, percebe-se que falar em violência organizacional perpassa também por entender as estratégias comunicacionais desenvolvidas no âmbito das organizações. Estas, conforme Kunsch (2003) fazem parte do contexto das nossas vidas desde o início até o seu término e, por isso mesmo funcionam metadiscursivamente empregando técnicas, ações e comportamentos. Estas filosofias são ressignificadas a todo o momento pela sociedade e, no âmbito das organizações é visto de forma mais intensificada.

Na contemporaneidade, percebemos que a inserção do contexto da plataformização nas rotinas de trabalho dos profissionais abriu um novo campo de exploração de assédio e, por assim dizer de violência organizacional. Fuchs (2014) ao mostrar que a sociedade se torna cada vez mais reféns das práticas engendradas pelas empresas calcadas na visibilidade e na socialidade digital, as violências se tornam assim, mais distribuídas por estas plataformas. Reconfigurando-se os conceitos de vigilância, violências e de desempenho (FOUCAULT, 2008; BOURDIEU, 2010; HAN, 2018).

Então se estamos caminhando para mais um cenário onde essas relações se manifestam, nada mais natural entender de início, como violência, violência organizacional são trabalhados pelos pesquisadores. Nesse sentido, buscamos identificar através do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, como os programas de pós-graduação em Comunicação trabalham termos como violência, violência organizacional, entre outros. Como a miscelânea de trabalhos é muito extensão, optamos por desenvolver um código que facilitaria a filtragem destes trabalhos pelos títulos das teses e dissertações: A escolha pelo termo representações da violência ajuda a entender: 1) como os autores identificam os cenários de violência – tanto teoricamente quanto metodologicamente e 2) quais as representações midiáticas que são exploradas. Surpreendentemente, não encontramos nenhuma tese na área da comunicação que apresentasse no título, os termos representações da violência.

Dos mais de 400 trabalhos, encontramos 8 dissertações que traziam no título os termos. Destes, percebemos que as concepções de violência são atribuídas a diversos cenários teóricos, autores como (Odália, 1983; Bourdieu, 2010; Foucault, 2008) entre outros.

Nos chamou a atenção que, dos trabalhos selecionados o debate teórico sobre violência, ficou calcado em grande parte, na forma como a mídia a representava (seja ela enquanto produto cultural ou nas narrativas jornalísticas analisadas).

Os conceitos sobre violência são analisados pelos pesquisadores pelo viés da análise de conteúdo. Nos parece viável entender que a concepção sistêmica de violência estudada enquanto contexto midiático fica relegada em segundo plano. Ajudaria sobretudo, a entender as escolhas discursivas assumidas pela mídia nesses cenários e, principalmente, como a estrutura organizacional orchestra essas relações.

## REFERÊNCIAS

ABIDIN, C. Visibility labour: engaging with Influencers' fashion brands and #OOTD advertorial campaigns on Instagram. **MIA - Media International Australia**, 2016. DOI: 10.1177/1329878X16665177.

BAHKTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom – Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. São Paulo, v. 6, n. 10/11, p. 115-120, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BENETTI, M. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOOTH, A.; PAPAIOUANNOU, D.; SUTTON, A. **Systematic approaches to a successful literature review**. London: Sage, 2012.

BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 8. ed. Lisboa: Bertrand, 2010.

BRAGA, J. L. Circuito vs Campos Sociais. *In*: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). **Mediação & midiatização**, Salvador: EDUFBA, 2012, 328p

CORSANI, A. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo. In: COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander P.; SILVA, Gerardo (org.). **Capitalismo cognitivo: trabalho redes e inovação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CYRULNIK, B. **O murmúrio dos fantasmas** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FUCHS, C. **Social Media: a critical introduction**. Los Angeles: Sage. 2014.

GALTUNG, J. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n.3, p. 167-191, 1969.

GRISCI, C. L. L.; RODRIGUES, P. H. Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós-fordimos no jornalismo industrial. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kwPRL6KBKwCBqmhFB4HQgLh/?lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2023.

HAN, B. C. **Tipologias da violência**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HEISE, T. S. **Rainha diaba e Madame satã: representações da violência e marginalidade social no cinema brasileiro**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo, Summus, 2003.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, Â. C. S. **Violência simbólica, sociedade do desempenho e vivências da alteridade: aproximações entre leituras de Han e Bourdieu**. 2022. Disponível em: <https://www.unilim.fr/trahs/4869>. Acesso em: 01 fev. 2023.

MENDONÇA, J. M. B.; SIQUEIRA, M. V. S.; SANTOS, M. A. F.; MEDEIROS, C. R. O. **Violências no trabalho: ponderações teóricas**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kNjFccMkmTzSqSFR88f4hBM/?lang=pt#>. Acesso em: 03. fev. 2023.

RAPOSO, J. F.; TERRA, C. F. **Sobre comunicação e marcas “plataformizadas”**: é preciso estar nos “jardins murados” para ter visibilidade. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/55673/32327>. Acesso em: 01 fev. 2023.

RODRÍGUEZ, J. M. **Violencia estructural e las tecnologías de la información**. 2022. Disponível em: <https://www.unilim.fr/trahs/4850>. Acesso em 01. fev. 2023.

SAAD, B. A. Plataformização das relações sociais: reflexões sobre a ressignificação da atividade comunicativa. 2020. *In*: FARIAS, L. A.; LEMOS, E.; REBECHI, C. N. (org.). **Opinião pública, comunicação e organizações**: convergências e perspectivas contemporâneas. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002995848.pdf> acesso em 08/03/2023. Acesso em: 04 jul. 2024.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

STIEGLER, B. The age of disruption: technology and madness in computational capitalism. **Polity**, 2019.

TERRANOVA, T. Free labor: producing culture for the digital economy. **Social Text**, v. 18, n. 2, p. 33-58, 2000.

VALENTE, J. C. L Algoritmos e sites de redes sociais: uma discussão crítica sobre o caso Facebook. **Revista Pós**, v. 14, n. 2, ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/26491/23167>. Acesso em: 10 mar. 2023.